



ATN Editora

História da Maçonaria

As Origens Esotéricas,
Documentais e Institucionais

D. Apellaniz

© Copyright de D. Apellaniz All rights reserved.
Proibida a reprodução não autorizada.
Lei Federal n.9.610/1998.

Diagramação: D. Apellaniz/ATN Editora
Ilustração capa: Codex Amiantinus (c.700 d.C.), Folio II (verso)

*BORBA, Diego Apellaniz. História da Maçonaria - As Origens Esotéricas,
Documentais e Institucionais..*

ISBN 978-65-01-28452-1

1. Maçonaria. 2. História. 3. Origem.



2025

Dedicatória

Ao G.'.A.'.D.'.U.'. , por tudo.

Aos meus avós (Neuza e José; Alzira e Adão), aos meus pais (Maria e Nivacir) e ao meu irmão Luciano, pelos momentos felizes que, desde a infância, me trouxeram até aqui.

À minha companheira Lisiane, pela paciência e apoio incondicional.

Às Athenas, por ensinar sabedoria à humanidade e humanidade à sabedoria.

A todos aqueles cujo convívio fraternal proporcionaram (e continuam proporcionando) grandes aprendizados, e aos quais agradeço nas seguintes pessoas: ao Ir.'. Carlos Renato Henke, pelos momentos de convívio fraternal e conversas filosóficas, sempre ombreados das “paredes de escudo”, e pelo incentivo realizado em direção ao mundo da escrita; ao Ir.'. Luiz Felipe Câmara Botelho, Ir.'. de grande conhecimento e cujo prefácio gentilmente escrito para a presente obra muito nos honra; ao Ir.'. Gilmar Luiz Pacheco Roth, outro navegador do “Drakkar” da vida, pelos momentos de convívio genuíno e por generosamente ter cedido sua coleção de revistas maçônicas tão importantes para a escrita da presente obra; ao Respetabilíssimo Ir.'. Norton Valladão Panizzi, Eminente Ex-Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul, cujos ciclos de palestras em meados dos anos 2016 e 2017 despertou a fagulha inicial desta obra.

A todos os nominados e a todos os seres que tornaram possível concluir a obra que me foi confiada:

“Que o caminho seja brando a teus pés,

Que o vento sopra leve em teus ombros,

Que o sol brilhe cálido sobre tua face,

Que as chuvas caiam serenas em teus campos,

E até que de novo nos reencontremos,

Que o Ser Supremo te guarde na palma de sua mão”. (Autor Desconhecido)

D. Apellaniz

Prefácio

Na trama intrincada da história, há uma linha tênue que separa o visível do invisível, o manifesto do oculto. A Maçonaria com sua tradição e simbolismo, é um exemplo paradigmático dessa intersecção.

Neste livro, Diego Apellaniz nos convida a mergulhar nas profundezas da História da Maçonaria, revelando seus aspectos esotéricos e documentais. Com uma abordagem rigorosa e erudita, o autor nos guia por um labirinto de símbolos, rituais e personagens que moldaram a trajetória da Maçonaria ao longo dos séculos. Desde suas raízes na tradição operativa medieval até sua evolução como uma ordem iniciática moderna, a narrativa de Apellaniz desvenda os mistérios e as contradições que permeiam a história maçônica.

Ao mesmo tempo o autor não se limita a uma abordagem meramente histórica ou descritiva. Em vez disso, ele nos convida a refletir sobre as implicações esotéricas da Maçonaria, explorando as conexões entre sua simbologia, sua filosofia e as tradições espirituais que a influenciaram.

O resultado é uma obra que é ao mesmo tempo uma história detalhada, uma análise esotérica e uma reflexão profunda sobre a natureza da iniciação e da busca espiritual. Diego Apellaniz nos oferece uma jornada fascinante através dos segredos e dos mistérios da Maçonaria, convidando-nos a descobrir novas perspectivas e a aprofundar nossa compreensão dessa ordem iniciática complexa e multifacetada.

Ir.º. Luiz Felipe Câmara Botelho

Sumário

<u>INTRODUÇÃO</u>	5
--------------------------------	---

CAPÍTULO I

A ORIGEM HISTÓRICO-ESOTÉRICA **DA MAÇONARIA**

<i>As Escolas De Mistérios</i>	21
<i>Escolas De Mistérios, Escolas Sacerdotais (Ou Religiosas) E Escolas Filosóficas</i>	26
<i>Os Iniciados Da Antiguidade</i>	30
<i>A História De Gilgamesh e Um Dos Mais Antigos Relatos Iniciáticos</i>	50
<i>Os Mistérios De Osíris E Ísis</i>	57
<i>Os Mistérios De Mitra</i>	64
<i>Os Mistérios Dos Druídas</i>	70
<i>Os Mistérios De Odín</i>	90
<i>Os Mistérios De Dionísio</i>	97
<i>Os Mistérios De Adônis</i>	102
<i>Os Mistérios De Orfeu</i>	104
<i>Os Mistérios De Elêusis</i>	109
<i>Os Mistérios Dos Hebreus</i>	121
<i>O Declínio Dos Mistérios</i>	129

CAPÍTULO II
A ORIGEM HISTÓRICO-DOCUMENTAL
DA MAÇONARIA

OS CONSTRUTORES DA ANTIGUIDADE

<i>Stonehenge, Newgrange.....</i>	<i>135</i>
<i>As Pirâmides Do Egito.....</i>	<i>167</i>
<i>O Tabernáculo.....</i>	<i>184</i>
<i>A Construção Do Templo De Salomão.....</i>	<i>197</i>
<i>A Destruição Do Templo De Salomão e as Posteriores Reconstruções.....</i>	<i>224</i>
<i>Os “Collegia” De Roma.....</i>	<i>241</i>

OS CONSTRUTORES DA ANTIGUIDADE E
DA IDADE MÉDIA

<i>O Período Da Transição e Seu Contexto Histórico.....</i>	<i>255</i>
<i>O Período Da Transição e as Diversas Teorias.....</i>	<i>269</i>

OS CONSTRUTORES DA IDADE MÉDIA

<i>As Corporações De Ofício ou Guildas.....</i>	<i>277</i>
<i>Guildas, Seus Estatutos e as Old Charges.....</i>	<i>298</i>

OLD CHARGES

<i>A Carta Patente Real – Século X d.C.....</i>	<i>304</i>
---	------------

<i>A Carta De Bolonha - 1248 d.C.....</i>	<i>308</i>
<i>O Poema Régio, ou Manuscrito Halliwell - 1390 d.C.....</i>	<i>317</i>
<i>O Manuscrito Cooke - 1430 d.C.....</i>	<i>331</i>
<i>O Estatuto De Ratisbona - 1459 d.C.....</i>	<i>338</i>
<i>Os Estatutos Schaw – 1598 D.C. e 1599 d.C.....</i>	<i>344</i>
<i>O Manuscrito Locke-Leyland – 1430/1696 d.C.....</i>	<i>349</i>

CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

<i>A Origem Dos Cavaleiros Templários.....</i>	<i>355</i>
<i>As Guildas De Construtores e os Cavaleiros Templários.....</i>	<i>394</i>
<i>A Queda Dos Cavaleiros Templários.....</i>	<i>403</i>
<i>A Fuga Dos Templários.....</i>	<i>435</i>

CAPÍTULO III

A ORIGEM HISTÓRICO-INSTITUCIONAL DA MAÇONARIA

A TRANSIÇÃO DA MAÇONARIA OPERATIVA

E ESPECULATIVA

<i>A Origem Dos Termos “Maçom”, “Livre” e “Aceito”, e Outras Considerações.....</i>	<i>465</i>
<i>Breve Contexto Histórico Da Transição Da Idade Média para a Idade Moderna.....</i>	<i>471</i>

<i>As Linhagens Familiares Dos Bruce, Dos Stuarts, e Dos Sinclair.....</i>	<i>510</i>
<i>Breve Contexto Histórico No Caso Da Escócia.....</i>	<i>533</i>
<i>Primeiras Lojas Não-Operativas Da Escócia.....</i>	<i>539</i>
<i>O Balaústre Da Loja Mary’S Chapel - 1599 d.C.....</i>	<i>546</i>
<i>O Estatuto Schaw e as Cartas Sinclair.....</i>	<i>550</i>
<i>Escócia: Os Primeiros Maçons Não-Operativos Iniciados.....</i>	<i>570</i>
<i>Breve Contexto Histórico Na Inglaterra.....</i>	<i>579</i>

A FUNDAÇÃO DA GRANDE LOJA DE LONDRES EM 1717 d.C.

<i>As Lojas Fundadoras.....</i>	<i>616</i>
<i>As Constituições De Anderson (Breve Histórico).....</i>	<i>637</i>
<i>Landmarks (Diferença Entre Landmarks, “Old Charges” e as Constituições De Anderson).....</i>	<i>643</i>
<i>Landmarks (Origem, Conceito e seu Uso em Sentido Maçônico)..</i>	<i>646</i>
<i>Landmarks (As Diversas Classificações).....</i>	<i>652</i>

CONCLUSÃO.....	663
-----------------------	------------

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	674
--------------------------------------	------------

INDEX.....	683
-------------------	------------

Introdução

“DE ONDE VINDES?”

A pergunta que o homem tem feito a si próprio desde tempos imemoriais. O momento preciso em que o homem, pela primeira vez, assim questionou a si mesmo está perdido nas areias do tempo. É melhor que assim seja. Em primeiro lugar, para que nenhum homem reivindique qualquer primazia sobre a inerente liberdade do ser humano de relacionar-se com sua própria consciência, que a ele é conferida unicamente pelo Ser Supremo. Em segundo lugar, porque mais importante do que estabelecer quem teria sido o primeiro homem a se questionar e a se tornar autoconsciente, é saber que o Ser Supremo conferiu a cada homem a liberdade de prescrutar sua própria consciência, e dela tornar-se soberano. Somente a ele, o homem, cabe escolher: se trilhará o caminho desta busca, tornando-se assim verdadeiramente livre e senhor de sua consciência; ou se dessa trilha se afastará, negligenciando a liberdade que possui e, então, transformando-se em escravo de suas próprias paixões.

Mas somado a um sentido esotérico, cujo estudo será reservado para outro momento, há também um aspecto histórico intrínseco à questão. A resposta para a pergunta “DE ONDE VINDES?” é familiar ao livre pensador Iniciado. Ele sabe de onde vem, pois lá foi Iniciado. Mas ele conhece a história da origem deste esplêndido local e a origem dos ritos Iniciáticos que pratica? Há, no geral, certos obstáculos ao estudo da origem histórica da Maçonaria.

Dizemos que tais obstáculos são inerentes ao estudo da

história da Maçonaria porque estão relacionados ao próprio passar dos séculos e à proposital transmissão oral do conhecimento, necessária e indispensável à preservação de nossas inalteráveis tradições (e que assim devem permanecer).

Por outro lado, aqueles que possuem apreço pela história, talvez também tenham encontrado obstáculos de outra natureza.

De fato, possuímos renomados autores e vastas obras completas sobre o assunto (história da Maçonaria). A dificuldade, neste aspecto, não é a falta de obras sobre os temas históricos. Existem muitas e excelentes obras. Não obstante, seja pela excelente qualidade dos Irmãos capazes de produzir tantos livros especiais, seja pela extensão do tema em si, a solução de muitas dúvidas históricas surgidas naturalmente durante a caminhada maçônica por vezes se encontram esparsas nesse rico manancial de obras produzidas.

Desta forma, a presente obra foi concebida a partir da percepção da dificuldade encontrada pelos recém Iniciados (dificuldade esta compartilhada pelo próprio autor no início de sua jornada), que muitas vezes se deparam com obras completas - mas não raras vezes esparsas - acerca da visão histórica geral da Maçonaria.

Não temos a pretensão de esgotar os temas contidos neste livro, tampouco estabelecer uma verdade sobre fatos históricos (a palavra “verdade” por si seria digna de muitos volumes). A presente obra busca expor, de maneira simples, objetiva e sistemática, e na medida das limitações deste autor, um estudo sobre alguns temas históricos julgados pertinentes, inclusive os controversos.

Por outro lado, não esperamos que o leitor esgote aqui a sua busca. Por essa razão, dividimos com o querido leitor não apenas

temas que fizeram parte das dúvidas e do estudo do próprio autor, mas também mantivemos, durante a escrita da obra, a prática de indicar o maior número possível de referências bibliográficas consideradas como essenciais em suas áreas específicas. Primeiro, por respeito ao leitor, que encontrará nesta obra, assim esperamos, a análise de fontes primárias e de autores respeitáveis, apartados de especulações infundadas. Segundo, para que o livre pensador, se assim desejar, siga aprofundando suas pesquisas e conhecimentos nas áreas de interesse específico.

Em relação à presente obra, adotamos o conceito grego de história. O termo “*Ιστορία*”, que em grego significa “história”, era empregado para designar “pesquisa” ou “investigação”. Dentre os ilustres gregos, o célebre Heródoto (490-425 a.C.) é considerado o “pai da história”, por ter habilmente empregado a pesquisa e a investigação na preservação de vestígios das ações humanas. Como é possível verificar, Heródoto* possuía como objetivo – e este é um dos primeiros conceitos da história – preservar os vestígios das ações praticadas pelos homens, evitando que estas fossem apagadas pelas areias do tempo.

Aliás, é interessante notar que a obra de Heródoto presta homenagem a gregos mais antigos ainda, que possivelmente já possuíam a noção da preservação da memória pelos mais diversos meios. Isto porque a obra de Heródoto é dividida em nove capítulos, cada um dos quais atribuído ao nome de uma das nove musas. E aqui novamente podemos constatar a importância conferida pelos antigos à história: as nove Musas, que dão nome aos nove capítulos do livro

* Veja a obra “História”, de Heródoto, p.35.

de Heródoto são filhas da deusa Mnemôsine e de Zeus. Ainda, o primeiro capítulo da obra de Heródoto é nominado “Clio”, sendo esta a Musa da História, ou seja, é possível alegoricamente afirmar que os gregos da antiguidade – anteriores ao próprio Heródoto – consideravam que a história (Clio) é filha da memória (Mnemôsine).*

Mas os gregos não foram os primeiros a refletirem sobre o tema da memória e da história (apesar de terem sido, no mundo ocidental, os primeiros a terem sistematizado o seu estudo).

Do sistema de escrita cuniforme dos sumérios até os contos de Gilgamesh, cujos registros mais antigos datam de dois séculos antes da Era Cristã, passando por outros textos sagrados: os povos buscaram registrar sua cultura, sua tradição, e sua história.

É, por exemplo, o caso dos escritos sagrados dos hebreus – tão fundamentais nos elementos de nossa Ordem -, desde a Torá até os recentemente descobertos Manuscritos do Mar Morto, e do próprio Tabernáculo e do Templo de Salomão. Registra-se especialmente o historiador do povo hebreu, Flavio Josefo.

Há, diga-se, um amplo aspecto dos documentos históricos: tanto documentos escritos quanto esculturas, construções, lendas e conhecimentos transmitidos de modo oral, podem ser considerados verdadeiros documentos-monumentos que auxiliam no estudo da

** Veja a obra “Do Amor Fraternal”, de Plutarco, na qual o mesmo explica que as Musas, filhas da deusa Mnemôsine (deusa da memória) e Zeus – são nove: Calíope (deusa da poesia épica); Clio (deusa da história); Euterpe (deusa da lírica, música de flauta); Melpomene (deusa da tragédia); Terpsícore (deusa da dança); Erato (deusa dos hinos e música de lira); Polímnia (deusa dos cantos sacros); Talia (deusa da comédia) e Urânia (deusa da astronomia). Para a linhagem dos Deuses gregos em geral, entre outras obras, consulte as célebres obras “A Teogonia”, de Hesíodo; “Metamorfoses”, de Ovídio e “A Natureza dos Deuses”, de Cícero).*

ação humana: “todos os documentos que são vestígios da passagem do homem [...] Para isto, usa-se os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos”.*

É o caso dos egípcios, com seus papiros (incluindo aí “O Livro dos Mortos”, por exemplo); ou então os famosos hieroglifos, ou, ainda, seus templos e, claro, as espetaculares pirâmides.

É o caso dos povos das Ilhas Britânicas. Embora muito de sua cultura e história tenha sido perdida em razão da ênfase da transmissão oral do conhecimento, não podemos esquecer que foram construtores, arquitetos e astrônomos muito competentes, e deixaram sua história gravada em monumentos astronômicos, tais quais o Stonehenge e um ainda mais antigo, o Newgrange.*

Ainda, é o mesmo caso dos nórdicos. Também adeptos da transmissão oral do conhecimento, parte de sua cultura encontra-se nos Eddas, como veremos. Mas seus feitos náuticos (realizados a bordo dos sensacionais Drakkar), somente possíveis diante de um conhecimento altamente especializado acerca da astronomia, ainda hoje continuam sendo descobertos e surpreendendo o homem contemporâneo.

É, ainda, o caso dos gregos, cujas contribuições para a lógica, a gramática, a retórica, a geometria, a astronomia, a música e a aritmética (sete artes liberais), sem contar a filosofia, moldaram boa parte do mundo ocidental. Ainda, poderíamos mencionar a famosa e

* Veja a obra “Escola dos Annales”, de José Carlos Reis.

* Newgrange é uma construção megalítica, a exemplo de Stonehenge, mas julga-se ser ainda mais antiga, datando (por volta) do ano de 3.500 a.C., e que foi erigida com objetivos astronômicos. Para maiores detalhes, sugerimos a obra “O Livro de Hiram”, de Robert Lomas.

bela arquitetura grega, estampada na magistral construção de seus templos e suas colunas.

É também o caso dos romanos. Estes também foram pródigos na escrita. Um dos exemplos mais clássicos é a autobiografia militar de César (As Guerras da Gália), por meio da qual hoje conhecemos muitos dos costumes dos povos romanos, celtas e germânicos. Ainda, foram os romanos responsáveis pela construção de estradas, fabulosos aquedutos, templos, e monumentos que auxiliam a compreender sobremaneira as ações e forma de pensar daquele povo. Eles foram responsáveis, no campo da engenharia e construção, pelas sementes (Collegia) do que viriam a ser as primeiras Corporações de Ofício que floresceriam na Idade Média, após a Queda do próprio Império Romano no ano de 476 d.C.

É necessário, entretanto, verificar que dentre os conceitos, documentos, monumentos, relatos orais, etc. apresentados desde a antiguidade – ao menos até onde é possível rastrear – a análise histórica inicia sua jornada não necessariamente a partir de objetos em si. Estes são a expressão da ação, do sentimento e do pensamento humano: “[...] o objeto da história, por natureza, é o homem. Digamos melhor: os homens. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos [...] são os homens que a história quer capturar [...]”^{}.*

Assim, o elemento comum e finalidade do estudo histórico – qualquer que seja - não são os escritos em si, nem tampouco os monumentos, mas sim a ação, o sentimento e o pensamento humano que os erigiram. Isto é, um monumento, um texto, é resultado de um esforço humano na busca da transmissão de experiências e

^{*} Veja a obra “Apologia da História”, de Marc Block.

conhecimentos. Por vezes essa transmissão é direta. Outras, como sabemos, é bem mais sutil e alegórica.

Assim, quando chegamos a um local conhecido – ou a ele retornamos –, ou quando observamos um objeto, por mais simples que pareça, o que faz com que nossa memória (Mnemose) seja despertada não é o local ou objeto em si, mas as experiências das pessoas que ali estiveram, que ali atuaram, sentiram, pensaram e ali gravaram (a história). A ação humana atuando no tempo é capaz de despertar e conservar a memória. Sábios eram os povos da antiguidade neste aspecto, que em sua alegoria mitológica muito cedo perceberam esta relação entre memória e história, e qual o elemento que os conectava: o ser humano e sua ação.

Desta forma, quais teriam sido as ações humanas que contribuíram para a origem e história da Maçonaria, e que hoje ainda estão preservadas em nossa memória como Maçons? Por óbvio que a resposta é tão ampla que talvez nossa própria mente, limitada, não consiga compreender em plenitude. É em vão buscar prescrutar as razões do Ser Supremo, pois, como ser ilimitado, suas razões não são alcançáveis pela mente intelectual limitada.

Resta, então, ao livre pensador, tal qual seus antecessores dos tempos imemoriais, serenamente buscar prescrutar as leis universais por meio das quais o Ser Supremo revela-se ao homem. Ainda hoje valorosos Irmãos têm se dedicado a desvendar os mistérios da ação humana no tempo.

Neste sentido – como muito cedo aprendemos em razão das alegorias que nos são apresentadas quando da Iniciação – um mesmo objeto (símbolo) oferece muitas perspectivas (alegorias). Assim, diante dos desafios dessa jornada, resta, ao menos, manter-nos

cientes de que existem muitas formas de verificar e analisar a ação humana no tempo. E mais, tais formas, como veremos, não são excludentes, mas todas válidas, quando não complementares.

Por essa razão, aceitamos com natural tolerância as diversas versões acerca das origens da Maçonaria.

Muitos autores atribuem que as ações que deram origem à Maçonaria podem ser verificadas a partir das Escolas de Mistérios da antiguidade; outros referem o período da Idade Média, com as Corporações de Ofício e Ordens de Cavalaria; outros, ainda, referem que o termo de nascimento da Maçonaria é verificado a partir da fundação da Grande Loja de Londres, no ano de 1717.

*O tema é quase inesgotável, mas sem perder de vista uma exposição mais objetiva possível, o leitor será apresentado a essas três principais teorias históricas relativas à origem da Maçonaria: **origem histórico-esotérica; origem histórico-documental; origem histórico-institucional.***

Como referido, longe de serem excludentes entre si, tais teorias podem ser consideradas todas válidas, e com bastante propriedade até mesmo complementares. E seguiremos a ordem cronológica, de forma a apresentar ao leitor primeiro a teoria histórica que invoca a origem da Maçonaria em tempos mais remotos, e, de lá, até tempos mais modernos.

Assim, no capítulo I trataremos da origem histórico-esotérica, que relaciona a origem da Maçonaria aos elementos esotéricos presente nas Escolas de Mistérios da Antiguidade. Embora muitos defendam que o legado as Escolas de Mistérios tenha sido garantido, de alguma forma, de maneira direta até a Maçonaria, outros alegam que este legado é, na verdade, indireto.

Neste segundo sentido, a origem da Maçonaria atribuída no sentido esotérico não seria derivada de uma linha contínua direta que possa ser rastreável da antiguidade até a atualidade, mas sim derivada de um legado compartilhado de origem e de conhecimento esotérico Iniciático destinado à transcendência alegórica da matéria, que hoje é praticada pela Maçonaria tal qual faziam os antigos, ao seu modo, em tempos imemoriais.

O compartilhamento destas práticas derivaria, segundo este entendimento, de uma necessidade inata que acompanha o homem desde a antiguidade até os dias de hoje. Essa necessidade é conhecer onde está, de onde veio e para onde vai e, enfim, de conhecer a si mesmo e à fagulha divina que em si habita, transmutando sua natureza inferior e material em uma natureza superior e divina.

Mas para compreender essa relação da origem esotérica da Maçonaria parece, então, aconselhável que o ponto de partida seja o estudo das próprias Escolas de Mistérios da antiguidade, que, de fato, tinham o mesmo objetivo: o autoconhecimento a partir da centelha divina latente em cada ser. Assim, poderemos constatar que a Maçonaria, em sentido esotérico, compartilha de muitas práticas que os antigos empregavam nessas Escolas de Mistérios.

Seguindo o critério empregado na presente obra, de objetividade e clareza ao introduzir o leitor nos assuntos, não é objetivo do primeiro capítulo o estudo alegórico dos ritos específicos das Escolas de Mistérios da Antiguidade, mas sim esclarecer o que*

** Para os ritos específicos, veja as obras “Os Ensinamentos Secretos de Todas as Eras” - The Secret Teachings of All Ages; “The Adepts in the Esoteric Classical Tradition – part 1 The Initiates of Greece and Rome” e “Freemasonry of The Ancient Egyptians”, de Manly P. Hall, entre outras referenciadas ao longo da presente obra.*

eram as Escolas de Mistério da Antiguidade, e identificar possíveis semelhanças Iniciáticas e simbólicas entre estas Escolas de Mistérios e a Maçonaria. Desta forma, poder-se-á não só entender o que eram as Escolas de Mistérios, mas também expor os elementos que fundamentam a existência desta teoria, ou melhor, desta forma de compreensão de origem histórica esotérica da Maçonaria.

No capítulo II é introduzida a origem histórico-documental da Maçonaria. Diz-se histórico-documental, porque relaciona a origem da Maçonaria aos vestígios (escritos ou monumentos) legados pelos construtores da Antiguidade e Idade Média: os hebreus, celtas, egípcios, Collegia romanos e Guildas de Construtores, entre outros. Os documentos (escritos ou monumentos) referidos representam os primeiros registros da Maçonaria Operativa, que se encontrava organizada ao menos desde do final da antiguidade, e que se desenvolveu durante a própria Idade Média.

Desde tempos imemoriais, o homem-construtor tem buscado se reunir a seus semelhantes, tendo como um dos objetivos empreender construções físicas que os ajudassem a compreender o mundo a sua volta, a elevar o espírito à divindade, e também, entre outros, para defesa ou abrigo.

Como já referido, o estudo da história tem por objeto o estudo da ação do homem no tempo. Desta forma, como afirma o historiador Le Goff, é possível empregar como fontes documentais não somente as produções ligadas ao texto escrito, mas também às imagens e construções erigidas pelos obreiros operativos e que são verdadeiros documentos-monumentos, pois que também possuem a capacidade registrar a ação do homem no tempo.*

* Veja a obra “História e Memória”, de Jacques Le Goff.

Em relação às fabulosas construções, podemos encontrar muitos outros monumentos-documentos capazes de comprovar esta capacidade e habilidade colaborativa, construtora e arquitetônica do homem, mas é adequado adotar neste caso, como exemplos simbólicos, certos aspectos das construções. Isto porque, seja em Stonehenge, seja no caso das Pirâmides ou do Templo de Salomão, o homem buscou depositar nestas construções os mais preciosos conhecimentos (ou chaves para o conhecimento) da humanidade, não muito diferente dos Templos Maçônicos de hoje.

Por outro lado, também não se pode deixar de considerar como fontes históricas os próprios documentos escritos, muitos dos quais comprovam a existência de Corporações de Ofício durante a antiguidade, como no caso da antiga Roma e seus Collegia. Tais Corporações, difundiram-se pela Europa conforme o Império Romano expandia suas fronteiras, e sua importância era tal que sua existência já se encontrava regulamentada pelo Direito Romano.

Assim, estes Collegia acompanhavam o exército romano em suas expedições e construíram o indispensável para o Império, não somente para fins bélicos, mas também as estradas romanas (até hoje transitáveis!), os fabulosos aquedutos (que com precisão de centímetros de desnível, abasteciam as cidade romanas com águas de rios que estavam a quilômetros de distância), sem falar no famoso concreto romano, capaz de solidificar-se mesmo quando submerso. E é em razão destes Collegia romanos que podemos, ainda hoje, nos maravilharmos com a técnica e a beleza do Coliseu e do Panteão em Roma, bem como, com o mesmo espanto, encontrar na atual fronteira da Escócia a Muralha de Adriano.

É possível notar como estes construtores dos Collegia

romanos encontram um período de declínio após a queda do Império Romano, no ano de 476 d.C., mas ressurgem em pleno esplendor 500 anos mais tarde (já na Idade Média). Impulsionadas por maior liberdade e financiadas principalmente pela Igreja e pelos diferentes Reinos, as Corporações de Ofício, ou Guildas, paulatinamente reestabeleceram-se a partir da queda do Império Romano, de forma altamente organizada e passaram a produzir muitas das catedrais, fortalezas e castelos que ainda hoje nos maravilham.

Ainda durante a Idade Média, as Corporações de Maçonaria Operativa criaram seus primeiros Estatutos, por meio dos quais é possível identificar muitas das características que iriam ser absorvidos, direta ou indiretamente (dependendo do ponto de vista), pela Maçonaria Especulativa. Tais Estatutos são chamados de “Old Charges” e, de fato, a Maçonaria Operativa destas Corporações de Ofício chegaria ao final da Idade Média bastante modificada quanto ao perfil de ingresso de novos membros.

No desenvolvimento de suas atividades, as Corporações de Ofício, ou Guildas, também seriam financiadas e se relacionariam com diversas Ordens religiosas, entre elas a dos Pobres Cavaleiros de Jesus Cristo e do Templo de Salomão, ou, como ficaram mais conhecidos – Cavaleiros Templários. Neste ponto rogaremos ao leitor licença e paciência, pois essa relação somente pode ser apropriadamente conhecida após um prévio conhecimento da complexa história acerca da origem, estrutura, e queda da famosa Ordem Templária. Desta forma, poderemos apresentar ao leitor, com embasamento apropriado, possíveis teorias que relacionam a Ordem Templária às Corporações de Ofício da Idade Média (a Maçonaria Operativa).

Em uma fase de transição, a Maçonaria Operativa passaria a Iniciar desde integrantes da nobreza até comerciantes. Ao final deste processo de transição, ela estaria pronta para começar sua transformação em Maçonaria Especulativa, que resultaria na fundação de Grande Loja de Londres. Mas os temas da “Era da Transição”, como menciona Alec Mellor, e da fundação da Grande Loja de Londres no ano de 1717 d.C., serão verificados a partir da perspectiva da orgiem histórico-institucional, no capítulo III.

Neste sentido, o contexto histórico antecedente, e que culminou em Lojas Especulativas unindo-se para fundar a Grande Loja de Londres, é bastante amplo. Isto porque foram muitos aspectos filosóficos e sociais que influenciaram na transição da Maçonaria Operativa para a Especulativa.

Partiremos de um método que inicia do geral ao particular (ou do macrocosmo ao microcosmo). Isto é, primeiro, em uma espécie de visão que o olho sem lentes proporciona, apresentaremos ao leitor o contexto histórico geral da transição da Idade Média para a Idade Moderna (a parte mais geral do tema). Durante essa análise avaliaremos a influência de autores iluministas dos séculos XVII e XVIII, como Voltaire, John Locke, Adam Smith, etc., que contribuíram para o desenvolvimento de temas caríssimos para a Maçonaria Especulativa, como a tolerância religiosa, política, e de pensamento. Será interessante analisar como a corrente filosófica iluminista resgata valores da antiguidade, valores esses que eram reservados apenas aos Iniciados das Escolas de Mistério.

Após, tornando o assunto mais particular ou específico, quase como se utilizando uma lupa que nos aproxima do microcosmo, analisaremos o caso específico da transição da

Maçonaria Operativa para a Especulativa na Escócia, oportunidade em que poderemos verificar a importância das linhagens familiares dos reis escoceses, como no caso da família “Bruce” e dos seus descendentes da linhagem “Stuart”, e sua relação familiar peculiar que os relaciona efetivamente não apenas à família “Sinclair”, mas também aos primeiros príncipes cristãos de Jerusalém após a Primeira Cruzada.

Assim, chegando ao próprio microcosmo do tema, como se fôssemos auxiliados pela lente de um microscópio, analisaremos o caso específico da transição da Maçonaria Operativa para a Especulativa, oportunidade em que poderemos verificar quando as primeiras Lojas Operativas escocesas passaram a aceitar membros não-Operativos. Por fim, chegaremos ao estudo da história da Inglaterra e das Lojas Especulativas que foram responsáveis pela fundação da Grande Loja de Londres, no ano de 1717 d.C., analisando também seus Landmarks, Constituições, usos e costumes.

Or.’. de Porto Alegre, setembro do ano de 2023 da E.V.

D. Apellaniz

I
A Origem
Histórico-Esotérica
da Maçonaria

AS ESCOLAS DE MISTÉRIOS

As Escolas de Mistérios, de maneira geral, eram escolas Iniciáticas* que empregavam mitos ou lendas na transmissão esotérica de suas tradições, conhecimentos e segredos, tendo por objetivo o autoconhecimento e a transmutação esotérica da natureza inferior e material do homem em uma natureza imaterial e divina. Em outras palavras, “O nascimento iniciático implicava a morte para a existência profana”*.

A Iniciação nestas Escolas de Mistério consistia em uma série de desafios, provas (em algumas Escolas chamadas “viagens”), por vezes simbólicas, por vezes com riscos reais, nas quais o neófito deveria ter sucesso para ser admitido nos Mistérios. O termo grego Τελετή era empregado para designar “Iniciação” nas Escolas de Mistérios gregos, e, se considerado a partir do verbo que lhe dá origem – Τέλλω –, significa

* Como visto, em grego antigo o termo “τελετη” era designado para definir a Iniciação nas Escolas de Mistérios. Tal termo é derivado do verbo “τελλω”, que significa 'relizar', 'executar'. Assim, o termo atual “Iniciado” passou a designar aquele a quem são entregues as ferramentas e chaves para que revele as alegorias ocultas nos símbolos, mitos e lendas, e que pela experiência do trabalho árduo [realização, execução] trilha seu caminho operando esta alquimia mental que os antigos, de tempos imemoriais, empiricamente descobriram. Os símbolos, mitos e lendas da antiguidade, tomados no sentido das antigas Escolas de Mistérios, Iniciáticas tal qual a Maçonaria, e não Sacerdotais, expressam muito destes ensinamentos filosóficos e esotéricos de renovação e renascimento.

* Veja a obra “O Sagrado e o Profano”, de Mircea Eliade.

“executar” ou “realizar”. A exemplo da própria Maçonaria, também uma Escola Iniciática, sabemos que a “realização” ou “execução” a que se refere o termo é a lapidação da pedra bruta em pedra polida, ou em termos mais gerais aplicáveis às Escolas Iniciáticas, a transmutação esotérica do homem de sua natureza inferior e material para sua natureza superior e imaterial, ou, como refere Edouard Schuré*, a Iniciação é: *“[...] a penetração de certas verdades pela experiência da alma, pela visão direta do espírito, pela ressurreição interior. No grau supremo, é o início da comunicação da alma com o mundo divino”*.

De outro ponto de vista, esta “execução” ou “realização” indicada pelo termo “Iniciação” pode se referir também à execução propriamente dita da mito ou lenda, representada na série de desafios ou “viagens” que cada Escola de Mistérios adotava como alegoria para a persecução deste objetivo de autoaprimoramento individual, tal qual a Maçonaria também o faz.

Seja como for, as tradições e conhecimentos dos quais tais Escolas eram as guardiãs, isto é a transmutação esotérica interior, eram apresentadas ao Iniciado nas Escolas de Mistérios por meio alegorias desempenhadas por mitos ou lendas próprias, seja no caso do mito de Osíris e Ísis, na Escola de Mistério de Osíris, no Egito, seja o mito de Deméter, na Escola de Mistério de Elêusis, na Grécia, ou no mito de Odin, nas Escolas de Mistério de Odin dos nórdicos, entre muitos outros. Cada Escola de Mistério adotava, conforme a sociedade em que estava imersa, uma lenda ou mito

* “Os Grandes Iniciados”, de Edouard Schuré.

apropriados, a partir dos quais o Iniciado poderia começar a trilhar sua jornada de autoconhecimento. Assim, os símbolos, mitos, lendas – tanto das Escolas de Mistérios quanto da própria Maçonaria - ocultam a fórmula secreta da regeneração espiritual, mental, moral e física, comumente conhecida como *Química Mística da Alma (alquimia)*. Essas sublimes verdades foram comunicadas aos Iniciados das Escolas de Mistérios com os mesmos propósitos, mas foram ocultas dos profanos – tal qual ocorre na Maçonaria.

Neste sentido, sabe-se que a Iniciação nas Escolas de Mistérios, tal qual na Maçonaria, implicava a escolha de membros que eram aceitos por apresentarem alto padrão de comportamento moral e, uma vez Iniciados, permaneciam ligados por laços fortes de segredo e fraternidade, em defesa da espiritualidade e de códigos éticos, legados à humanidade desde tempos imemoriais.

As Escolas de Mistérios também se organizavam em uma espécie de sistema de Graus – tal qual a Maçonaria. Em regras, elas eram divididas em Mistérios Menores e Mistérios Maiores. Em geral, o neófito tinha acesso, por meio da Iniciação, aos Mistérios Menores, que era estágio preparatório. Após cumprido anos de estudo, e comprovando ser qualificado moralmente e intelectualmente, ele então era apresentado a outra lenda ou alegoria, que lhe garantia acesso aos conhecimentos mais profundos e esotéricos dos Mistérios Maiores da respectiva Escola.

Assim, concordamos com Veneziani*, quando

* Veja a obra “Maçonaria – Escola de Mistérios”, de Wagner V. Costa.

afirmamos estarmos cada vez mais seguros de que a ideia de “Iniciação” é tão antiga que se estabeleceu em tempos imemoriais, tanto que esteve presente nos mais diferentes territórios da antiguidade, sempre adaptados aos cultos específicos. Se esse surgimento das “Iniciações” sob a forma de Escolas de Mistérios ocorreu por meio de intercâmbio de conhecimentos (talvez derivados do próprio comércio ou migrações durante a antiguidade), ou se foi espontânea, derivada da independente contemplação do próprio homem e dos povos, é difícil dizer. Mas, de fato, tais escolas, existiram em localidades diferentes durante a antiguidade.

O segredo – a exemplo de pressupostos Maçônicos – também era um compromisso dos Iniciados nas Escolas de Mistérios. Isto faz com que o avanço no estudo dos elementos e preceitos das Escolas de Mistérios seja feito com muita prudência, exatamente diante dos poucos relatos precisos existentes e uma vez que o conhecimento de seus ritos era oculto dos não-iniciados.

É possível afirmar, com certa segurança, que as “Iniciações”, sob a forma das Escolas de Mistérios, estiveram presentes em grande parte das sociedades da Antiguidade, como uma forma de perpetuar uma tradição oral por meio de lendas e mitos e, através das diversas alegorias, garantindo os segredos da evolução e do autoaperfeiçoamento esotérico. São as alegorias de regeneração para a vida espiritual às quais o Iniciado na antiguidade era apresentado*:

“A iluminação não pertence a nenhuma geração (...) Aqueles

* Veja a obra “As Chaves Perdidas da Maçonaria”, de Manly P. Hall.

que a merecem, a recebem (...) os iluminados, ao trilhar o caminho do mérito atingem o sublime estado que não possui começo ou fim. E em qualquer região, em qualquer geração, aqueles que ascendem as soberanas verdades da existência são os verdadeiros iniciados do grande Sistema de Mistérios (...) Em seu maior senso, ela não é histórica nem arqueológica, mas uma linguagem simbólica divina perpetuando sob certos símbolos concretos, os sagrados mistérios dos antigos. Apenas aqueles que veem nela um estudo cósmico, um trabalho de vida, uma inspiração divina de pensar melhor, sentir melhor e viver melhor com a intenção espiritual de iluminação como fim, e com a vida diária do verdadeiro maçom como meio, conseguiram um vislumbre dos verdadeiros mistérios dos ritos ancestrais."

*ESCOLAS DE MISTÉRIOS, ESCOLAS SACERDOTAIS
(OU RELIGIOSAS) E ESCOLAS FILOSÓFICAS*

Já tendo sido o leitor informado de que a expressão simbólica das primeiras tentativas de transpor alegoricamente o mundo material para o imaterial encontram-se ocultas nos símbolos, mitos e lendas da antiguidade; e de que homens dispostos a melhor compreender a natureza imaterial da renovação organizaram-se, ainda durante a antiguidade, sob a forma das Escolas de Mistérios; e de que aqueles poucos com habilidade e disposição para tais reflexões, assim selecionados, passaram a ser conhecidos como Adeptos ou Iniciados; é importante conhecer como tais Escolas de Mistérios relacionavam-se com outros aspectos da sociedade em que estavam inseridas.

As Escolas de Mistérios, junto com as Escolas Filosóficas e as Escolas Religiosas, constituíam os pilares da maior parte das sociedades da Antiguidade. De maneira geral as três Escolas coexistiam naquelas sociedades (e de fato a Cultura grega, por exemplo, era baseada nestes três pilares).

Cada uma dessas Escolas, apesar de desempenharem elementos relevantes para suas sociedades, eram diferentes entre si. As Escolas Sacerdotais ou Religiosas da antiguidade, quase todas de base politeísta, não obstante desempenhassem um papel relevante em relação aos costumes e de veneração espiritual nas sociedades antigas, pouco avançavam na

compreensão da 'alquimia mental' necessária para a superação da interpretação literal das alegorias ocultas nos símbolos, mitos e lendas.

As Escolas Sacerdotais ou Religiosas destinavam-se a uma interpretação dos deuses em si, de dogmas morais expressos em si mesmos e, diferentemente das Escolas de Mistérios, não os viam como alegorias a serem empregadas pelo indivíduo na transmutação de sua própria natureza inferior e material. As Escolas de Mistérios estiveram presentes em quase todos os países de religiões ditas pagãs da antiguidade, adotando um nome ou mito diferente e, de certo modo, sob uma forma diferente. Mas em cada lugar onde estiveram presentes, as Escolas de Mistérios possuíam em comum um mesmo desígnio, estabelecido pelos antigos homens de tempos imemoriais que buscavam, por meio de ensinamentos alegóricos e simbólicos, transmutar os ciclos naturais materiais em grandes doutrinas da unidade de Deus, de renovação espiritual e de imortalidade da alma, como afirma Mackey*: “[...] esses Mistérios existiram em todos os países pagãos, em cada um com um nome diferente e, de certo modo, sob uma forma diferente, mas sempre e em todo lugar com o mesmo desígnio de revelar, por meio de ensinamentos alegóricos e simbólicos, as grandes doutrinas maçônicas da unidade de Deus e da imortalidade da alma. Cada um dos deuses pagãos tinha (além de pública e aberta) uma adoração sagrada prestada a ele, à qual nada foi admitido além daqueles que foram selecionados por cerimônias preparatórias, chamadas iniciação. Essa adoração sagrada foi

* Veja a obra “o Simbolismo da Maçonaria”, Vol I e II, de Albert Mackey.

chamada de Mistérios."

Não obstante, sob um aspecto, é interessante questionar: mas como poderiam, diante das Escolas Sacerdotais ou Religiosas politeístas, as Escolas de Mistérios desenvolverem o conceito da unidade divina (G.'A.'D.'U.')?

Uma das respostas possíveis é que nessas mesmas sociedades antigas cada um dos deuses pagãos possuía uma adoração pública e aberta prestada a ele – Escolas Religiosas -, e outra bem mais privada, na qual se buscava descobrir os elementos ocultos em seus símbolos, mitos e lendas – Escolas de Mistérios. E nesse sentido, enquanto as Escolas Religiosas mantinham-se ligadas à literalidade dos símbolos, mitos e lendas, as Escolas de Mistérios forneciam aos Iniciados instrumentos para a compreensão de que as várias divindades da teologia popular eram, de fato, símbolos ocultos dos vários atributos do deus supremo, um espírito invisível e indivisível – o G.'A.'D.'U.', e que o homem, como uma emanção de sua essência, dela poderia se aproximar, transpondo a compreensão dos ciclos materiais para chegar à compreensão dos ciclos de renovação e imortalidade da alma.

Isto auxilia a compreender porque as mais diferentes Escolas de Mistérios, não importa onde ou como tenham sido instituídas, se ostensivamente em honra de Adônis, o favorito de Vênus, ou do implacável Odin, o deus escandinavo da Guerra e do morticínio; se dedicado a Deméter, a representação da terra; ou a Mitra, o símbolo de tudo que frutifica a terra: o grande objetivo e o desígnio da instrução secreta eram idênticos em todos os lugares onde estiveram

presentes.

Já as Escolas Filosóficas também diferenciavam-se das escolas Sacerdotais e das Escolas de Mistérios. Em razão da própria natureza da filosofia, as Escolas Filosóficas não possuíam referências simbólicas ou alegorias próprias que pudessem limitar as especulações excessivas de seus pressupostos. Da mesma forma, tais especulações foram essenciais para o avanço do conhecimento daquelas sociedades, mas, pela falta de referenciais (ou âncoras), levaram filósofos a algumas digressões exageradas e conclusões extravagantes, para dizer o mínimo.

Por sua vez, as Escolas de Mistérios da antiguidade faziam uso da condição das escolas religiosas e filosóficas, buscando, por um lado, revelar o oculto por trás dos símbolos, mitos e lendas, mas também, por meio de um progresso referenciado, gradual e individual, evitava as especulações essencialmente literais ou excessivamente especulativas das próprias das Escolas Religiosas e Sacerdotais. Nas Escolas de Mistérios interpretava-se os deuses à maneira dos Iniciados, observando os mitos e lendas de tais deuses como símbolos das grandes categorias da Natureza, cujas leis são determinadas por um Ser Supremo. A relação entre essas Escolas, e até mesmo suas contribuições mútuas – especialmente entre as Escolas de Mistério e Escolas Filosóficas – fica evidente quando observamos que muitos dos célebres filósofos (Escolas Filosóficas) da antiguidade eram, também, Iniciados em uma ou mais Escolas de Mistérios.

OS INICIADOS DA ANTIGUIDADE

Muitos dos maiores filósofos e matemáticos da antiguidade eram iniciados nas Escolas de Mistérios, ainda que fizessem parte de Escolas Religiosas e Filosóficas, como no caso de Pitágoras (+- 570 a.C – 496 a.C.). Ele foi iniciado nos Mistérios Eleusinos, nos Mistérios de Osíris e Ísis no Egito, nos Mistérios de Adônis, nos Mistérios dos Caldeus, nos Mistérios dos Brâmanes, e nos Mistérios de Creta.* O famoso matemático (e filósofo) era filho de um rico mercador de anéis da Ilha de Samos, no Mar Egeu, e de uma mulher chamada Pártenis. Diz-se que o jovem casal certa vez consultou o Oráculo de Delfos, onde a pítia local lhes teria dito “teriam um filho que seria útil a todos os homens, em todos os tempos”. Já adulto, Polícrates, o Rei de Samos concedeu uma carta de recomendação, apresentando Pitágoras ao próprio Faraó egípcio Amasis, que por sua vez o deixou aos cuidados dos sacerdotes de Mênfis.

É referido que a Iniciação de Pitágoras nos Mistérios de Osíris (ou a permanência de Pitágoras nos Mistérios Menores de Osíris) durou 22 nos, em cujo tempo teve que comprovar não somente capacidade intelectual, mas a resiliência e vontade própria dos Iniciados. Neste período aprofundou seus

* Para maiores informações acerca dos célebres Iniciados, veja a obra “Os Segredos do Templo de Salomão”, p.115, de Kevin Guest; “The Adepts in the Esoteric Classical Tradition – part 1 The Initiates of Greece and Rome”, de Manly P. Hall, “Os Grandes Iniciados”, de Edouard Schuré, e muitos deles constam nas Constituições de Anderson de 1723.

conhecimentos na ciência dos números e, portanto, na arte da vontade. Mas a situação política mudaria mais uma vez a vida de Pitágoras, quando Cambises invade o Egito e assassina o Faraó e toda sua família. Pitágoras foi, por ordem de Cambises, forçadamente enviado à Babilônia. Lá encontrou uma cidade organizada ao longo dos anos por meio de intensos conflitos políticos, que resultaram em uma sucessão de déspotas no governo da cidade. Entretanto, inusitadamente, este permanente estado de conflito fez com que a cidade contasse com três religiões diferentes que repartiam a força sacerdotal local. As três classes sacerdotais eram a dos caldeus, a dos sobreviventes do zoroastrismo persa, e dos altos sacerdotes (cativos) hebreus. Foi assim que Pitágoras teve acesso a outras três Escolas de Mistérios fundamentais na sua formação, como a Escola de Mistério dos Caldeus e Hebraicos, por exemplo. Por intercessão do médico grego Demócedes, então médico do Rei da Babilônia (possivelmente Cambises II ou Dario I), Pitágoras é autorizado a retornar à Grécia.

Já o filósofo Platão* (+- 427 a.C. - 347 a.C), que mantinha a dignidade religiosa e a completa racionalidade em alto nível, foi Iniciado nos Mistérios quando conheceu o Egito, e também foi grande estudioso do conhecimento hebraico [possivelmente no Egito tenha tido contato com os profundos conhecimentos dos Mistérios hebraicos]. Platão foi Iniciado

* Para maiores informações, acerca dos Iniciados e dos Mistérios da Antiguidade, veja a obra “A Doutrina Secreta”, volume V, de H.P. Blavatsky.

nos Mistérios de Ísis e Osíris na Grande Pirâmide de Gizé, quando tinha 49 anos, conforme atestam manuscritos do hoje arquivados no Museu Britânico.

Não raro muitos dos ensinamentos dos Mistérios encontram-se ocultos nas obras escritas pelos Iniciados. Uma leitura atenta destes escritos permite verificar uma íntima relação, ainda que indireta como referido, entre os Mistérios da Antiguidade e a Maçonaria.

E o caso de Platão não é diferente. Na obra Fédon (p.62), o famoso filósofo faz a seguinte afirmação: *“Os que amam o saber – prosseguiu –, reconhecem que a sua alma, quando é apoderada pela filosofia, estava presa e colada ao corpo, pela qual era obrigada a observar as coisas através de grades e não por si mesma, e que se envolvia numa ignorância crassa: prisão terrível, que a filosofia percebe ser obra dos desejos, que fazem com que o próprio prisioneiro contribua mais para o seu aprisionamento. Os que amam o saber reconhecem que a filosofia, apoderando-se da alma nesse estado, anima-a docemente e tenta libertá-la.[...] Julga antes que, enquanto viver, guiada pelo raciocínio e unindo-se sempre a ele, deve acalmar as paixões e não afastar os olhos daquilo que é verdadeiro, divino e superior à opinião, nem tomar outra coisa como alimento”*.

O princípio apresentado por Platão, acerca do combate as paixões e busca pela natureza divina que no interior de cada ser habita, não é conhecida por todos homens livres e de bons costumes a quem a luz tenha sido apresentada? O ensinamento alegórico do corpo como o invólucro, ou esquete simbólico da alma, não é conhecido pelos Iniciados? A crença no Ser Supremo, e na imortalidade da alma, também presente

na obra Fédon, não é um dos Landmarks conhecidos?

Ainda, em um dos momentos mais marcantes da obra “Fédon”, Platão narra a morte de Sócrates. Após ter sido condenado à execução por corromper a juventude e introduzir deuses falsos na sociedade, Sócrates ingere a cicuta e tira a própria vida*. Platão relata quais teriam sido as últimas palavras de Sócrates: “Crito, eu devo um galo a Asclepius; você lembrará de saldar a dívida?” Muitos estudiosos afirmam que há, nesta frase, um conceito profundamente esotérico oculto ligado às Escolas de Mistérios. Ocorre que “Asclépio” é considerado o Deus da medicina, da cura, da regeneração entre os gregos, e era costume que aquele que fosse curado de uma doença, oferecesse um galo em honra a este Deus. Mas aqui as palavras de Sócrates seriam também simbólicas: a morte simbólica seria, na realidade, uma grande Iniciação para a regeneração do homem, que deixa a sua natureza inferior em busca de uma natureza mais elevada, divina e superior.

Ainda, o mito da caverna de Platão*. Há vastas obras acerca da simbologia desta passagem, a qual aqui reproduzimos a parte inicial: *“Sócrates — Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada*

* Referem alguns autores, como Edouard Schuré, em sua obra “Os Grandes Iniciados”, p. 269, que a verdadeira razão da condenação de Sócrates foi ter este exposto os vícios e corrupção dos governantes da época e, como os homens, muitas vezes, são capazes de perdoar todos os vícios, mas não perdoam aqueles que os desmascaram, acabaram por condenar Sócrates.

* O mito da caverna encontra-se do Capítulo VII, da obra “A República”, de Platão.

subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, poisas correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construída um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas. / Glauco — Estou vendo. / Sócrates — Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transpõem: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio. / Glauco — Um quadra estranho e estranhas prisioneiros. / Sócrates — Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais da que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte? [...] Sócrates — Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curadas da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentas sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe

cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçada e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?”.

Outro filósofo Iniciado e com escritos não menos interessante é Aristóteles (+- 384 a.C. - 322 a.C.). O célebre filósofo grego foi iniciado nos ritos Eleusinos, além de ter se notabilizado como preceptor de Alexandre, o Grande. Em uma de suas obras mais conhecidas, “Ética a Nicômaco” (p.58), Aristóteles afirma que: “[...] E, entretanto, não obstante isso, mesmo na adversidade, a nobreza resplandece (e se destaca) quando um homem suporta pacientemente infortúnios reiterados e severos, não em função de insensibilidade, mas graças à generosidade e grandeza de alma. [...] uma vez que sustentamos que o homem verdadeiramente bom e sábio enfrentará tudo que a sorte lhe reservar numa postura decente, e agirá sempre da maneira mais nobre que as circunstâncias permitirem.”

Aristóteles faz reverência aos momentos de alternância, de alegrias e de dificuldades, que a vida naturalmente apresenta a todo ser. Ao Iniciado, entretanto, são conferidas chaves simbólicas para superação das adversidades. Por exemplo, todo Iniciado não conhece o cálice doce das alegrias, para depois lhe ser dado ciência do cálice amargo das vicissitudes?

Ainda, Aristóteles, em outra obra – “A Política”, reflete acerca da importância da virtude. Não somente a teórica, mas também a prática. Haveria melhor conselho ao neófito, desde cedo, o desenvolvimento do seguinte hábito: “ Livro II -

Capítulo I - [...] É impossível ser feliz quando não se pratica o bem, e o bem jamais é possível para o homem quanto para o Estado, sem a virtude e a razão. [...] Livro II - Capítulo III - [...] A felicidade consiste na ação, e, além disso, as ações dos homens justos e sábios têm sempre por fim uma porção de coisas dignas e belas”.

Ainda na mesma obra, Aristóteles expressa princípios presentes tanto nos mais iniciais quanto nos mais altos Graus da Ordem Maçônica, como justiça, prudência, temperança, igualdade, e liberdade, os quais são tão amplos e relevantes, que seriam necessários cerca de 9 vezes 3, ou 27 anos, para um estudo mais aprofundado. Mas preferimos a citação do célebre filósofo: *“Livro I - Capítulo I - [...] O princípio fundamental do governo democrático é a liberdade e uma das características essenciais da liberdade é que os cidadãos obedeçam e mandem alternativamente; [...] Segundo essa ideia de justo forçadamente a soberania reside na massa do povo, pois se pretende que todos os cidadãos têm direitos iguais”.*

Também o autor italiano Públio Virgílio Maro (70 a.C. - 19 a.C.) foi iniciado nos Mistérios Eleusinos. A obra mais conhecida deste autor - “A Eneida” - narra as aventuras do herói Enéas, um troiano que após a mítica queda de Tróia inicia sua jornada, até dar início à linhagem do que seriam os futuros fundadores de Roma.

A obra, altamente simbólica, apresenta a partir do Capítulo VI a descida de Enéas ao Tártaro e sua ida aos Campos Elísios. Muitos autores acreditam que este Capítulo narra, de forma oculta, uma parte dos Mistérios Eleusinos nos quais o próprio autor – Virgílio – havia sido Iniciado.

No início do Capítulo, Enéas é conduzido às entranhas da terra por Sibila, e lá viajam solitários sob a noite pela sombra obscura. Não seria, questiona-se, Sibília a consciência de Enéas? E qual não é a semelhança simbólica entre as entranhas da terra descrita por Virgílio e aquela encontrada pelo Iniciado na Ordem Maçônica (C.'. de Ref.'.)?

Já na antessala da entrada para o caminho ao Tártaro, Enéas e Sibila encontram terríveis monstros, como Briareu (gigante de cem mãos e cinquenta cabeças); centauros; hidra de Lerna; Quimera (monstro com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão que cospe fogo); Górgonas (tendo serpentes como cabelos e que transformam a quem olhar em pedra); Harpias e Gerião (três cabeças e corpo tríplice até a cintura). O autor Virgílio não teria assim representado a natureza inferior do homem? E neste caminho de autoconhecimento, não seriam os tais monstros mitológicos representações dos vícios e paixões que cada Iniciado encontra na busca interior?

Deste local parte o Aqueronte, o rio que as almas devem atravessar para chegar ao reino dos mortos. Às margens encontra-se o Deus Caronte, o barqueiro. Normalmente, segundo a mitologia greco-romana, uma moeda é dada ao barqueiro para que este realize a travessia da alma pelo Aqueronte. Ocorre que Enéas não é uma alma sem corpo. Ele desce ao Aqueronte como vivo, ainda sob o invólucro da matéria. E para que possa realizar a travessia com a segurança do retorno de sua parte imortal – da alma – Enéas, entrega ao barqueiro um ramo dourado, que havia

recolhido, por orientação de Sibila, antes descer aos confins da terra.

Em determinado ponto do caminho Enéas encontra uma bifurcação, à direita do qual estão os Campos Elísios. Mas, antes, ele dirige-se pelo caminho da esquerda, onde está o Tártaro. Guardando a entrada do Tártaro Enéas vê uma descomunal fortaleza e uma porta de ferro gigante com fortes colunas, e a Hidra a de Lerna guarda a porta. Ao lado da torre fica Tesífone, uma das três fúrias. O local é regido por Radamanto (irmão de Minos e um dos Juízes dos Infernos). Ele interroga os culpados e os obriga a confessar seis delitos.

Após passar por este lugar com sucesso, Enéas chega às portas do palácio dos Campos Elísios, onde, no saguão - átrio - Enéas é purificado pela água pura e deixa outro ramo dourado. Nos campos Elísios “uma luz mais brilhante tudo ilumina; sol próprio conhecem, privadas estrelas”

Enéas vai ao submundo e renasce às 6h, hora do nascer do sol, a luz. Este é apenas um breve relato exemplificativo de quão rica é a simbologia desta extensa e belíssima obra que, não à toa, é considerada um dos escritos mais importantes da história da humanidade.

Ainda, também vale referir Vitrúvio, ou Marcus Vitruvius Polo (+- 80 a.C. - 15 a.C.), arquiteto de Júlio César, que serviu sob o reinado do Imperador Caio Otávio Augusto. O renomado arquiteto Vitruvius é autor da obra “De Architectura”, e foi homenageado pelos traços de Leonardo da Vinci (O Homem Vitruviano). Vitruvius foi Iniciado nos Ritos de Dionisíacos. Para compreendermos a relação simbólica

entre este Iniciado e muitas das alegorias presentes ainda hoje em Templos Maçônicos, é suficiente a transcrição de parte da obra “De Architectura”^{*}:

“A exatidão é aquela perfeição de estilo que vem quando uma obra, com autoridade, é construída sob os princípios adequados. Elas surgem da prescrição, do uso, ou da natureza. Da prescrição, no caso de edifícios hipetrais, abertos ao céu, em honra a Júpiter trovejante, ao Céu, ao Sol ou à Lua: pois estes são deuses cujos semblantes e manifestações contemplamos com nossos próprios olhos quando o céu está azul e límpido. Os templos de Minerva, Marte, e Hércules serão dóricos, pois a força viril destes deuses fazem com que a delicadeza seja inapropriada para suas moradas. Nos templos de Vênus, Flora, Prosérpina, e das Ninfas, a ordem Coríntia será de particular significância, pois estas são divindades delicadas, e então linhas esbeltas, com flores, folhas, e ornamentos serão mais apropriados para esta função. A construção dos templos da ordem Jônica a Juno, Diana, Baco e outros deuses do mesmo tipo, será feito para manter o caminho mediano que eles adotam; pois a construção desta forma será uma apropriada combinação da sobriedade Dórica e da delicadeza Coríntia”

Outro autor, este talvez menos conhecido, é Marco Apuleio (+- 55 a.C – 15 a.C.). Ele é autor da obra “O Asno de Ouro” (embora a obra também não seja famosa, nela está o conto mitológico bastante conhecido de Eros e Psiquê e também um breve relato acerca dos ritos dos Mistérios de Osíris e Ísis). Acredita-se que Apuleio tenha sido Iniciado nos Mistérios de Elêusis, e possivelmente nos Mistérios de Osíris.

^{*} Veja a obra “Tratado sobre Arquitetura”, de Vitruvius.

O livro apresenta a história de Lúcio [nome, aliás, de origem no termo latino “lux”, ou luz, e significa “luminoso”]. Ao ser enganado pelas próprias paixões e extrema curiosidade, acreditando que um óleo mágico o faria se metamorfosear em uma bela ave, Lúcio acaba utilizando o misterioso unguento. Mas ao invés de ser transformado em uma ave, Lúcio vê-se transformado em um asno. A obra apresenta a sua trajetória para retornar à condição humana, o que somente é alcançado após ele ter acesso a uma flor e dessa flor se alimentar. Ele obtém sucesso em sua jornada pois orientada pela deusa Ísis.

Alegoricamente, o óleo que transforma Lúcio em asno revelou, na verdade, o homem em seu estado de tirania, ignorância, preconceito e erro, a sua natureza inferior. A partir de então Lúcio inicia a jornada em busca de sua natureza superior e divina. A Deusa Ísis representa a Sabedoria, e a flor que transforma Lúcio em homem novamente e releva o homem em seu estado de razão, que busca glorificar o direito a justiça e a verdade, sendo que a flor, pelo número de cinco pétalas (tal qual a estrela de cinco pontas), possui um alto simbolismo esotérico, inclusive para os herméticos e Maçons, representando o domínio da inteligência sobre a matéria (a matéria representada por 4 pétalas - ou pontas da estrela - e o quinto elemento, ou quintessência - ou quinta pétala ou ponta da estrela -, sendo a inteligência). O primeiro Lúcio (o Lúcio-asno) representa o homem escravo de si mesmo (revelado pelo óleo); o outro (que comeu a flor) representa o homem livre, pronto a ser Iniciado.

A obra ainda apresenta trechos muito peculiares, como a descrição dos Ritos dos Mistérios de Osíris, o caso do homem morto com um ramo no peito e que ressuscita do esquife (p.101) e, ainda, apresenta a Iniciação de Lúcio nos Mistérios Eleusinos, após este consumir a flor e tornar-se um homem livre (alguns acreditam retratar a Iniciação do próprio Apuléio), como segue (p.455): *“Aproximei-me dos confins da morte, e, tendo pisando nos limiares de Prosérpina [Perfséfone], dela retornei, sendo transportado por todos os elementos. À meia-noite vi o sol brilhando com uma luminosidade esplendorosa; e manifestamente alcancei os deuses inferiores e dos deuses superiores, e, próximo, os adorei.”*

Por fim, conclui Apuléio (p.451): *“O próprio ato da iniciação representa uma morte voluntária e uma salvação obtida pela graça. O poder da deusa atrai para si os mortais que, chegados ao fim da existência, pisam a soleira onde se acaba a luz; deve eles, porém, saber guardar os augustos segredos da religião. De algum modo ela os faz renascer por sua providência. Abre-lhes, devolvendo-os à vida, uma nova carreira.”*

Há ainda o filósofo de Plutarco (+- 46 d.C. - 120 d.C.), iniciado nos Mistérios Samotrácios, tendo escrito obras sobre os Mistérios de Ísis e Osíris.* Outra obra, menos conhecida, mas não menos genial, de Plutarco é *“O Banquete dos Sete Sábios”*. Entre tantas simbologias que poderia ser análogas aos rituais da Maçonaria, destacamos uma relacionada ao combate à vaidade. Relata Plutarco que certa vez Tales de Mileto, ao

* Veja obra *“Ísis e Osíris”*, de Plutarco – nos capítulos posteriores retornaremos a esta obra.

chegar em um banquete nos quais haviam convidados estrangeiros, Tales de Mileto encontra um príncipe estrangeiro deixando o local, contrariado e enfurecido. O príncipe reclamava que não o haviam concedido um lugar de honra no banquete, sendo a ele reservado um lugar de menor importância. O príncipe deixa o local e Tales de Mileto ocupa voluntariamente o lugar do príncipe e diz que: *“Cabe a pessoa dignificar o cargo que ocupa e não o contrário”*. Tales de Mileto então refere a histórico do guerreiro espartano, relegado à última posição da fila (portanto algo de menor importância, pois mais distante da batalha, algo abominável para um espartano), ao que o espartano diz ao seu general: *“Encontraste uma bela maneira de dignificar também este lugar”*.

Acrescenta Plutarco: *“Quando nos é designado um posto, disse Tales, não interessa tentar saber quem foi colocado antes de nós, mas antes procurar a melhor forma de nos tornarmos agradáveis aos nossos vizinhos, a fim de neles mesmo buscarmos de imediato um ponto de partida e de apoio para a amizade. [...] Na verdade, quem desconsidera o lugar que ocupa à mesa, desconsidera mais o comensal seu vizinho do que a pessoa que o convidou, tornando-se odioso a ambos.”*

Mas essa não é a única obra menos conhecida de Plutarco que contém ensinamentos esotéricos e princípios com os quais o Iniciado possui familiaridade. Na obra *“Do Amor Fraternal”*, o filósofo faz uma impressionante referência acerca da fraternidade, um dos pilares da Ordem Maçônica, com simbologias bem próprias:

“Portanto, toda hostilidade de um homem contra outro

homem, quando estão sentindo as mais intensas dores, com a alma imbuída de paixões, rivalidade, cólera, inveja e rancor, isso é doloroso e desconcertante. Mas a hostilidade contra o irmão, com quem é imperioso compartilhar sacrifícios, templos pátrios e o mesmo túbulo, também, de algum modo, ser seu vizinho de casa ou de campo, traz a tristeza nos seus olhos, lembrando a cada dia a sua insensatez e a sua loucura [...]”

Ainda, na trilha dos excelentes filósofos Iniciados, encontramos o peculiar caso do Imperador Marco Aurélio* (121 d.C. - 180 d.C.), o “Imperador Filósofo” romano que foi iniciado nos Mistérios Eleusinos em março do ano de 176 d.C. A obra “História Augusta”, escrita por volta do ano de 390 d.C.*, consta que o Imperador Marco Aurélio “IV – 4. (...) foi mestre de confraria, presidiu grande número de consagrações (...) sem que alguém tivesse de lhe ditar as fórmulas rituais que já havia aprendido”, e que “10. (...) sua paixão pela filosofia (...) o deixou sério e austero, sem todavia apagar a estima que manifestava sobretudo diante de seus próximos, de seus amigos, e daqueles que pouco conhecia: virtuoso sem excessos, modesto, porém não inativo, e austero sem ser triste”.

O mesmo documento do século IV d.C. demonstra o respeito que Marco Aurélio nutria pelos Mistérios, pois “XXVI – 3. No Egito comportou-se como simples cidadão e filósofo em todos

* Veja a obra “Meditações”, de Marco Aurélio.

* Veja a tradução da obra “História Augusta”, relativa à vida do Imperador Marco Aurélio Antonino Augusto, em “Testemunhos da História – Documentos de História Antiga e Medieval”, organizado por Ricardo da Costa. Essa excelente obra apresenta a tradução de outros interessantes documentos originais da Idade Antiga e Média.

os estabelecimentos de estudo, templos e outros locais (...)”, e afirma que Marco Aurélio foi Iniciado nos Mistérios Eleusinos após o fim dos conflitos no Oriente: “XXVII – 1. Após ter reestabelecido a ordem no Oriente, permaneceu em Atenas onde se fez inicias nos Mistérios de Ceres para mostrar que era inocente (de todos crime) e entrou só no santuário”.

Embora menos profícuo em número de escritos, a obra “Meditações”, de Marco Aurélio, talvez seja uma das obras da antiguidade em que se possa identificar mais similaridades filosóficas com os princípios da Ordem Maçônica.

O Imperador filósofo inicia sua obra mencionada muitas das pessoas que conheceu, e o que com elas aprendeu. Diz ele, por exemplo, ter aprendido a “ [...] atender aos amigos com presteza; a tolerância para com os ignorantes e para com os que opinam sem refletir; a harmonia com todos [...]” (p.13). Quais não seriam palavra mais conhecidas, mesmo para o neófito, hoje, do que a tolerância, o auxílio, e a harmonia? Diz, ainda: “Aprendi [...] de ‘meu irmão’ Severo: o amor à família, à verdade e à justiça” (p.15). E não são as virtudes cardeais da força interior, da prudência, da justiça e da temperança*, virtudes que acompanham o Iniciado, seja ele Recém-Iniciado ou Iniciado nos mais Altos Graus? E como Maçons, afinal, para que nos reunimos? E assim segue o filósofo-imperador narrando seu aprendizado, pela experiência, adquirido com os demais.

Ainda, diz ele que “Isso é tudo o que sou: um pouco de

* Veja a obra “O Livro da Ordem de Cavalaria”, de Raimundo Lúlio; a obra “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, de André Comte-Sponville; também a obra “A arte da Prudência”, de Baltasar Gracian; e as Sumas de Santo Agostinho sobre o tema.

carne, um breve fôlego vital e o guia interior” (p.22) e que “Fluxos e alterações renovam incessantemente o mundo, assim como o passo ininterrupto do tempo proporciona sempre nova a eternidade infinita” (p.80). Qual melhor lição de Transitoriedade que essa?

Não vamos levar o leitor à exaustão com citações, deixando oportunidade para que leia essa obra-prima de Marco Aurélio, mas por fim, realizamos uma última menção, que pelo conteúdo dispensa qualquer comentário adicional (p.107): *“Cave em teu interior. Dentro se encontra a fonte do bem, e é uma fonte capaz de brotar continuamente, se não deixas de escavar.”*

Não é à toa que a obra *“História Augusta”*, do ano de 390 d.C., descreve Marco Aurélio da seguinte maneira: *“XXVII – 7. Trazia sempre consigo uma frase de Platão, que afirmava que as cidades florescentes eram aquelas onde os filósofos eram reis, e os reis, filósofos”*.

Outro filósofo romano Iniciado nos Mistérios, cuja genialidade equipara-se à de Marco Aurélio, foi Sêneca (4 a.C. - 65 d.C). Sêneca foi preceptor do Imperador Nero, quando este ainda era jovem. Com o passar do tempo, e diante da conduta do Imperador Nero, Sêneca afasta-se de seu antigo pupilo, e passa a ser seu crítico. Ao final, foi acusado pelo próprio Nero de ter participado da conspiração de Pisão*, tendo sido condenado e obrigado a praticar suicídio*. As obras

* Um cospiração que tinha por objetivo remover Nero do trono, tendo como líder o Senador Romano Caio Calpúrnio Pisão. Veja a obra *“Um Estudo Crítico da História”*, Vol. I, de Hélio Jaguaribe, Capítulo sobre Roma.

* Uma “deferência” comum à época, já que as condenações à morte, especialmente as promovidas por Nero eram realizadas mediante suplício.

de Sêneca* contêm, de forma mais ou menos oculta, muitos dos princípios da escola estoica de filosofia, que por sua vez apresenta forte influência das Escolas de Mistérios.

Marco Aurélio, Sêneca, Cícero – todos Iniciados nas Escolas de Mistérios - são os autores mais célebres da escola filosófica chamada de Estoica. A influência dos princípios das Escolas de Mistérios nas obras desses autores estoicos é bastante evidente. Aliás, existem ao menos três princípios encontrados nas obras destes autores estoicos que indicam a influência das Escolas de Mistérios (e que possivelmente tenham influenciado sobremaneira) a própria Maçonaria.

Primeiro, os autores estoicos, como Marco Aurélio e Sêneca, defendem que o início do caminho para a virtude está no autoconhecimento. Estes autores afirmam que sem a prática do aprimoramento interior não é possível almejar uma realidade externa melhor. Então, estes autores defendem que é a prática aliada ao autoconhecimento que conduzem à virtude, primeiro interior, depois exterior. Haveria algo mais preciso para definir a alegoria da Câmara de Reflexão e do próprio V.I.T.R.I.O.L.*, tão conhecidos do Iniciado nos dias atuais?

Segundo, os estoicos em geral defendem que há duas forma de infortúnio. A primeira é aquele infortúnio que a própria pessoa dá causa, infligindo sofrimento a si mesma, pela ação, sentimento ou pensamento descontrolados. A segunda forma de infortúnio está fora da vontade ou controle

* Veja as obras “Sobre a Brevidade da Vida”, “DA Tranquilidade da Alma”, “Da Vida Retirada”, “Da Felicidade”, “Aprendendo a viver”, entre outras, de Sêneca.

* *Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem.*